NÚMERO 20 09 NOV. 2026

A PASSARADA



JORNAL AUTÓNOMO DA ACAMPADA

E DEPOIS DO ROSSIO?

O hipotético fim da acampada do Rossio não é uma derrota. Pelo contrário, a acampada é em si uma vitória. Para muitas de nós é, possivelmente, a primeira que conhecemos. Houve momentos anteriores, certo, em que as lutas conseguiram manter direitos conquistados, mas não perder terreno não é a mesma coisa que o conquistar. A vitória das acampadas é ténue, mas é real: conseguimos criar uma nova subjectividade e um novo repertório de luta.

Esta nova subjectividade não carece de nome nem de sociologia. Ela não surge das caras famosas promovidas ou perseguidas pelos media, nem nenhum dos nomes que falam eloquentemente da acampada. Ela emerge dos activistas do clima, dos centros sociais, dos fieis ao seu partido e dos infiéis ao seu ex-partido, dos autónomos, dos anarquistas, dos esquerdistas, dos normies radicalizados, mas sobretudo da superação de toda essa taxonomia obsoleta.

Primeiro, perdeu-se o medo. O estado jogou a sua carta, meteu-nos centenas de polícias à frente, e não tivemos medo, não recuámos, não desistimos. Passámos décadas amedrontadas pela polícia, pelos media, pelo que podiam pensar “as pessoas”, presos ao activismo mais estéril, à política mais sensaborona, ao radicalismo mais superficial. Não existe história mais material do que a jogada entre corpos que resistem e bastões de que reprimem. Essa falta de medo ecoou por todo o lado. Odeiam-nos por isso: mostrámos que não precisamos de nos esconder atrás de um cretino narcisista mentiroso patológico para fazer frente ao colapso do capitalismo.

Segundo: somos mais capazes do que eles. Mil patrões, senhorios e vassalos do poder não conseguiriam fazer um décimo do que conseguimos fazer nestas semanas. Não podemos dizer que o processo tenha sido fácil ou harmonioso. Estamos doentes, exaustas e fartas umas das outras. Mas que ninguém diga que não demos todas o nosso melhor. Isto não é uma questão de orgulho ou de obra feita. O que conquistámos, politicamente, foi a elaboração colectiva de ferramentas de coordenação, construção e acção que antes existiam apenas enquanto fantasia. O nível de organização entre singularidades e colectivos permite propor algo ousado: existe, hoje, em várias cidades do país, uma potência antagonista, autónoma mas articulada, muito mais forte do que imagina. Um milhão de conspirações invictas florescem sobre as calçada.

Que nome dar a esta subjectividade? Nenhum. Esse será o primeiro passo para a sua captura pelo poder. Hoje somos, ainda, a acampada, amanhã teremos outra forma. O que importa manter não é um nome, mas as ligações e relações e técnicas e confianças construídas neste interregno do domínio capitalista. O poder da acampada não vem da sua identidade mas da sua ingovernabilidade. Essa é a sua maior força. Montenegro não conseguiu dominar a acampada, Neves não conseguiu dominar a acampada, Moedas não conseguiu dominar a acampada e, cereja no topo do bolo, a própria acampada não conseguiu dominar a acampada. Ninguém na acampada está a par de tudo o que está a acontecer nela. Nenhum centro de decisão é capaz de decidir por ela sem ser imediatamente desmentido por um outro núcleo de vontades. Essa vertigem surge tanto da ingenuidade democrática de uns quanto do cinismo niilista de outros, desenhando um oásis de vida no deserto criado pela expansão do capitalismo a todos os quadrantes da reprodução social.

Construir essa deliciosa ingovernabilidade é a nossa maior vitória. Sobra a pergunta central: como manter tudo isto vivo perante o possível desaparecimento da praça?

A resposta, certa ou errada, virá da inteligência transpessoal que construiu a acampada e que pensou a resistência à repressão. Seria ingénuo propor algo concreto de modo imediato. Necessitamos tempo para analisar, processar e discutir tudo o que aconteceu. Mas isso não quer dizer que não haja armadilhas evidentes já há vista. A primeira é deixar que o medo de que tudo morra dite um esmifrar até à última gota da mobilização em si. Recordemos: não temos medo. Ninguém esquecerá facilmente a experiência destes dias. Não somos quem éramos. A segunda armadilha advém da primeira: devemos suspeitar de todas as tentativas de tornar a acampada num novo partido, numa nova associação, num novo colectivo, num novo espaço. A continuar ela deve continuar múltipla e contraditória e tensa e imprevisível.

Como continuar então? Arriscamos uma ideia. O que há a continuar é o que nos trouxe até aqui. Perder o medo, fazer em conjunto, organizar a ingovernabilidade da metrópole. Perdemos o medo arriscando um pouco mais de cada vez, aprendendo a defender-nos cada vez melhor da brutalidade do estado. Fazemos mais e melhor em conjunto tornando cada luta, cada manifestação, cada encontro num momento de multiplicação de infraestrutura. Tornamo-nos ingovernáveis cada vez que nos entregamos, sem reservas, às pulsões de recusa que transcendem as nossas identidades e afinidades. Estes poderão ser critérios presentes na hora de pensar as várias ideias que surgirão nos próximos dias.

O RITMO DAS LUTAS

Todas as lutas têm o seu ritmo, os seus picos de intensidade e o seus abismos de refluxo. Esse ritmo é polifónico, não apenas quantitativo, ele não se mede apenas em número de pessoas ou em número de eventos. Manifestações multitudinárias parem ratos, enquanto às vezes um grupo de cinco pessoas consegue ter uma ideia genial. O ritmo das lutas foca-se sobretudo na qualidade de cada momento, e no tipo de posição e de acção que exige. Esse ritmo é imprevisível, as coisas transformam-se, perduram e cessam sem aviso prévio, alheias ao mais lúcido dos cálculos.

Ante a presença deste ritmo há dois tipos de erro: o primeiro é deixar-se abandonar a ele, o segundo é pensar que nos podemos subtrair a ele. Andar à toa dos altos e baixos do movimento é entregar-se a uma montanha-russa de euforia e depressão. As estruturas colectivas devem prever e organizar tanto o momento em que as ruas se esvaziam como aquele onde explodirão de novo. Isto estende-se à vida de cada singularidade envolvida nas lutas: haverá momentos de êxtase colectivo e outros também de solidão. Nuns cuidamos dos outros, noutros de nós próprios, nuns lutamos, nos outros também.

Procurar negar esse ritmo através da constituição de estruturas de militância que se pensam imunes a ele é espelhar o erro anterior. Uma organização incontaminável pelo ritmo das lutas é uma organização conservada no formol da ideologia. A invariância e irredutibilidade do projecto emancipatório não significam que ele seja de mármore. Pelo contrário, a força de uma organização revolucionária mede-se pela sua capacidade de ir de encontro às tensões matérias que nunca cessam de se manifestar, gostemos ou não de como o fazem.

Avançar e conquistar terreno quando a batida sobre, processar e integrar quando a batida desce, afiar as armas quando tudo parece estar em silêncio. Como dizia o hit eurodance dos 90s, é esse o ritmo da noite, é esse o ritmo da vida.